

SOBREVOANDO A ILHA MÁTRIA DE NATÁLIA CORREIA – UMA PANORÂMICA

Helena Anacleto-Matias

Instituto Politécnico do Porto - Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

“A partir de hoje,
se alguém me quiser encontrar,
procure-me entre o riso e a paixão” (Natália Correia)

1. Resumo

A presente comunicação pretende destacar uma Mulher de Letras Açoriana que se evidenciou nas atividades políticas nacionais, tendo sido deputada à Assembleia da República eleita em 1980. Natália Correia nasceu em São Miguel, no ano de 1923, e é autora do poema do Hino dos Açores. Além da sua vertente de mulher e cidadã empenhada a nível político, Natália Correia distinguiu-se no plano literário, tendo sido poeta, dramaturga, romancista e ensaísta. Enquanto organizadora de antologias poéticas, publicou sete, segundo a História Universal da Literatura Portuguesa, sendo a sua primeira datada de 1966. A *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* foi apreendida e julgada em Tribunal Plenário como “ofensiva do pudor geral, da decência e da moralidade pública e dos bons costumes”, mas à qual foi, no entanto, “reconhecido o mérito literário”, segundo os autos do processo terminado em 1970. A Antologia foi reeditada postumamente pela editora Antígona. Natália Correia foi de novo processada por responsabilidade editorial das *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta.

Foi também autora dos programas televisivos *Este Lugar Onde* e *Mátria* na RTP, vindo a desenvolver mais tarde o conceito de “Frátria”. De carácter eminentemente descritivo, este artigo pretende destacar a biobibliografia de uma mulher açoriana notável no campo das letras, segundo uma panorâmica factual, desejando-se destacar a autora como feminista e como livre pensadora.

2. Breve Biografia¹

Em 2013, no ano em que se completam noventa anos do seu nascimento e vinte anos sobre a sua morte, urge celebrar a Mulher, a Poeta, a Política e a Cidadã. Natália de Oliveira Correia nasceu a 13 de setembro de 1923 na Fajã de Baixo, em São Miguel, Açores, e foi morar para Lisboa com a mãe e a irmã Carmen, já que o seu pai tinha emigrado para o Brasil. Ainda frequentou o 1º Ano do Liceu Antero de Quental em Ponta Delgada, onde tinha passado a viver, mas, em janeiro de 1935, passa a frequentar o Liceu Filipa de Lencastre, em Lisboa. Em 1942, Natália Correia casa com Álvaro dos Santos Dias Pereira. Em 1944 e 45, trabalha como jornalista na rádio e assina as listas do MUD (Movimento de Unidade Democrática) contra o regime salazarista. No ano de 1949, e pela primeira vez, casa em Marrocos, com o

¹ Para uma nota biográfica de Natália Correia, escolhemos a da *Antologia Poética*, organizada por Fernando Pinto do Amaral, de 2002, editada pelas Publicações D. Quixote.

norte-americano William Creighton Hylen em 1949 e visita os Estados Unidos da América. E ainda nesse mesmo ano apoia a candidatura de Norton de Matos e também a candidatura de Humberto Delgado. Um ano depois, casa-se com Alfredo Luiz Machado e passa a viver na Rua Rodrigues Sampaio, onde viveu até à sua morte. Em 1971 cria o bar “Botequim” com Isabel Meyrelles e fica à frente da Editora Estúdios de Cor. Em 1973, passa a ser a coordenadora da Editora Arcádia. Em 1975, o “Botequim” reúne personalidades que se debatiam pela democracia em Portugal e, imediatamente, em 1976, Natália Correia torna-se assessora do Secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira. Três anos mais tarde desloca-se aos Açores, onde Dórdio de Guimarães filmava, tendo sido eleita deputada à Assembleia da República como independente nas listas do PPD (Partido Popular Democrático). Em 1980, Natália Correia integra a comitiva oficial da visita do Presidente Ramalho Eanes à Áustria. É condecorada com a Ordem de Santiago pela Presidência da República em 1981. Em 1982, estreia o programa televisivo do qual é autora, *Neste Lugar Onde*. Em 1984, profere o discurso do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, durante o segundo mandato do Presidente Ramalho Eanes, e nesse mesmo ano é nomeada membro do Conselho de Imprensa e do Conselho para a Comunicação Social, onde se mantém até 1988. Em 1985, apoia Gorbatchov e a Perestroika indo à então União Soviética. Em 1986, a série televisiva *Mátria* começa a ser transmitida e escreve o poema do Hino dos Açores. Em 1987, é eleita deputada à Assembleia da República como independente pelo PRD (Partido Renovador Democrático), dada a sua proximidade com o General Ramalho Eanes. Em 1989 morre o seu marido Alfredo Luiz Machado e, em 1990, Natália Correia casa com Dórdio de Guimarães, seu amigo de longa data. Deixa de ser deputada em 1991 e é de novo condecorada, desta vez pelo Presidente Mário Soares, com a Ordem da Liberdade, tendo recebido também o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*. Em 16 de março de 1993, depois de ter passado o serão com o marido no “Botequim”, Natália Correia sucumbe, durante a madrugada, a um ataque cardíaco, já em sua casa. Em 1993, o Círculo de Leitores publica a obra poética de Natália Correia completa em dois volumes: “O Sol na Noite e O Luar nos Dias”, aliás título de um dos seus poemas.

3. Programas televisivos

Leonel Brito foi o diretor de produção da série televisiva da RTP *Neste Lugar Onde* (RTP - 1982), de Natália Correia, tendo também dirigido a produção do programa *Tempos de Coimbra*, de Dórdio Guimarães.

Em 1986, foi para o ar o programa televisivo *Mátria*, título que já tinha aparecido em poema (vide *Obras Completas*) em 1968. Sobre Natália Correia, afirmou Clara Ferreira Alves:

Natália Correia tornou-se conhecida na imprensa e, sobretudo, na televisão, em programas como “Mátria”. Aí, exprimia uma forma especial de feminismo – afastado do conceito politicamente correcto [sic] do movimento, o matricismo – identificador da mulher como matriz primordial e arquétipo da liberdade erótica e passional. Mais tarde, às noções de pátria e mátria, acrescenta frátria.²

Os programas *Neste Lugar Onde* e *Mátria* apresentados e idealizados por Natália Correia transmitiam reflexões sobre a visão do país, da política e da sua evolução ao longo dos tempos, bem como a condição social e filosófica, etnográfica e cultural que se vivia na altura e que se futurava nos momentos mais próximos da História mais próxima e longínqua.

² <http://tv0.rtp.pt/gdesport/?article=95&visual=3&topic=20> (31/jan/2013)

As considerações filosóficas e culturais provinham da característica visionária e promissora que Natália Correira propunha como original. Na realidade, as noções partilhadas pela mesma nos seus programas televisivos formavam escolas de pensamento que eram não só informativas para o nosso povo como também formativas de todo o público televisivo. Sendo talvez impossível verificar concretamente o impacto que os programas televisivos nos seus numerosos episódios tiveram na sociedade portuguesa, pelo menos existe a memória de que esses programas eram discutidos pelos públicos que os viam nos dias que se lhes seguiam.

Embora não fossem pensados como sendo programas para as massas, aqueles programas também não eram apenas para uma elite, já que muito se falava e discutia acerca das problemáticas aí focadas, entre elas a questão das chamadas “3 Marias”: Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno.

Havia cenas em que a escritora discorria, parecendo improvisar, acerca de problemáticas da altura, nomeadamente a conquista da democracia e a aplicabilidade de conceitos filosófico-políticos à realidade social da altura (anos 80). Também a RTP-Açores produziu em 1999, com realização de Teresa Tomé, um documentário, *A Senhora da Rosa (Natália Correia)*,³ que era como Manuel Alegre lhe chamou.

Antes de passarmos à bibliografia poética, ficcional, dramatúrgica e antológica, gostaríamos de acrescentar que os programas televisivos *Mátria* e *Este Lugar Onde* foram formativos de várias gerações de portugueses, especialmente estudantes que assistiam àqueles e que discutiam nas aulas de Literatura e nas tertúlias culturais às quais pertenciam os ideais propostos por Natália Correia.

4. Bibliografia⁴

4.1. Poesia

Segundo a *História Universal da Literatura Portuguesa* da Texto Editora, Natália Correia publicou os seguintes obras de Poesia: *Rio de Nuvens* (1947), *Poemas* (1955), *Dimensão Encontrada* (1957), *Passaporte* (1958), *Comunicação* (1959), *Cântico do País Emerso* (1961), *O Vinho e a Lira* (1966), *Mátria* (1968), *As Maças de Orestes* (1970), *Mosca Iluminada* (1972), *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973), *Poemas a Rebate* (1975), *Epístola aos iamitas* (1976), *O Dilúvio e a Pomba* (1979), *Sonetos Românticos* (1990), *O Armistício* (1985), *O Sol na Noite e o Luar nos Dias* (1993), organizado por Natália, mas publicado um mês após a sua morte, *Memória da Sombra* (1994, com fotos de António Matos).

Gostaríamos de transcrever três dos seus poemas mais emblemáticos e mais citados na literatura crítica devido à riqueza de conteúdo, na sua vertente ideológica e formal, sendo igualmente consideráveis como inclusíveis na estética surrealista:

³ <http://www.rtp.pt/programa/tv/p15380> (31/jan/2013)

⁴ Para uma Bibliografia exaustiva de Natália Correia, recomendamos a leitura de *História Universal da Literatura Portuguesa*, da Texto Editora ou uma leitura de obras por ordem cronológica no seguinte portal: http://telepoesis.net/alletsator/wiki/index.php?title=Nat%C3%A1lia_Correia (31/jan/2013) ou ainda mais pertinentemente, <http://literaturaacoriana.com.sapo.pt/NataliaCorreia.htm>

Cosmocópula

I

Membro a pino
dia é macho
submarino
é entre as coxas
teu mergulho
vício de ostras

II

O corpo é praia a boca é a nascente
e é na vulva que a areia é mais sedenta
poro a poro vou sendo o curso de água
da tua língua demasiada e lenta
dentes e unhas rebentam como pinhas
de carnívoras plantas te é meu ventre
abro-te as coxas e deixo-te crescer
duro e cheiroso como o aloandro

Eis a interpretação de Ângela Soares deste poema, a qual nos parece pertinente:

Natália Correia cria um universo erotizado, pelo poder genesíaco de sucessivamente exceder-se, tal qual acontece ao corpo na cópula. Sua carga imaginal propicia-nos a percepção [sic] da unicidade cósmica, do todo interconectado (...) Ora pelo recurso das metáforas, ora pelo dos símiles, vai-se espraiando a sexualidade, em sua analogia com a força e os elementos naturais – espraiamento que, opondo-se à fixação do relacionamento sexual naquelas partes do corpo ligadas à reprodução, promove a reavaliação poética do que, historicamente, tem dado significado à expressão corporal, territorializando-se existencialmente suas pontuações eróticas. Valoriza-se o prazer, pondo-se em alerta todos os sentidos imbuídos da Natureza e, assim, questiona-se o já cristalizado socio-culturalmente, em favor de uma realização mais plena da comunhão dos corpos sem barreiras ao gozo feminino. Esse processo reavaliador aponta para uma nova economia libidinal, onde a figura da mulher é construída através da consciência da seletividade e da ultrapassagem do domínio genital masculino, incluindo cada “poro,” “dentes e unhas”, o excesso e o prolongamento (“... vou sendo o curso de água/ da tua língua demasiada e lenta”) do “mergulho” ecologicamente preparado pelos amantes.⁵

O segundo poema que gostaríamos de transcrever é “Autorretrato”, que nos parece ser fundamental para entender como o Eu-Poético se vê a si próprio:

Autorretrato

Espáduas brancas palpitantes:
Asas num exílio dum corpo.
Os braços calhas cintilantes
Para o comboio da alma.
E os olhos emigrantes
No navio da pálpebra
Enalhado em renúncia ou cobardia.
Por vezes fêmea. Por vezes monja.
Conforme a noite. Conforme o dia.
Molusco. Esponja
Embebida num filtro de magia.
Aranha de ouro
Presa na teia dos seus ardis.
E aos pés um coração de louça
Quebrada em jogos infantis.

⁵ In Soares, Angélica, “Por uma recriação ecológica do erotismo: *flashes* da poesia brasileira e portuguesa contemporâneas de autoria feminina”, p 91-2, que se pode ler em <http://www.ufjf.br/revistaipotesti/files/2009/12/Port-uma-recria%C3%A7%C3%A3o1.pdf> (12/fev/2013).

Fomos ver a questão pedagógica do ensino da poesia de Natália Correia e deparámo-nos com as fichas didáticas de Elisa C. Pinto, Paula Fonseca e Vera S. Baptista. Na realidade, neste contexto, na chave das respostas propostas às perguntas das fichas de leitura,

Espáduas brancas, palpitantes", "os braços calhas cintilantes...", "olhos emigrantes...", "fêmea", bem como "(corpo de) molusco", [são elementos que] não compõem, nem sugerem sequer, um retrato físico, porque as características que os definem são metáforas que não apontam para aspetos físicos. A inquietação, a ânsia permanente de procura e desejo de ser livre são traços psicológicos sugeridos pelas metáforas que referem os "ombros" como asas que não podem voar, porque estão "exiladas" no corpo, os "braços" como calhas preparadas para a viagem do comboio interior e os "olhos" sempre prontos a emigrar num navio (pálpebras) que não parte.⁶

E como terceiro poema, na secção dedicada à poesia de Natália Correia, por fim, gostaríamos de transcrever

O Sol na Noite e o Luar nos Dias⁷

De amor nada mais resta que um outubro
E quanto mais amada mais desisto:
Quanto mais tu me despes mais me cubro
E quanto mais me escondo mais me avisto.

E sei que mais te enleio e te deslumbro
Porque se mais me ofusco mais existo.
Por dentro me ilumino, sol oculto,
Por fora te ajoelho, corpo místico.

Não me acordas. Estou morta na quermesse
Dos teus beijos. Etérea, a minha espécie
Nem teus zelos amantes a demovem.

Mas quanto mais em nuvem me desfaço
Mais de terra e de fogo é o abraço
Com que na carne queres reter-me jovem.

4.2. Dramaturgia⁸

Enquanto que a ficção de Natália Correia engloba *Aventuras de Um Pequeno Herói* (1945), *Anoiteceu no Bairro* (1946), *A Madona* (1968), *A Ilha de Circe* (1983), *Onde Está o Menino Jesus* (1987) e *As Núpcias* (1990), como dramaturga escreveu *O Progresso de Édipo* (1957), *O Homúnculo* (1965), *O Encoberto* (1969), *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* (1981) e *A Pécora* (1983). Quanto a *O Encoberto*, em 1977, a Editora Afrodite publicou a sua segunda edição desta peça, podendo ler-se na contracapa:

⁶ Veja-se Elisa C. Pinto, Paula Fonseca e Vera S. Baptista (2010), *Plural 10*, Lisboa: Lisboa Editora, p.137.

⁷ Para uma visão da obra em dois volumes com o mesmo título deste poema, veja-se Fernando Vieira-Pimentel, (1997), "O Sol na Noite e o Luar nos Dias, de Natália Correia: Romance, a três vozes, de uma Ocidental" consultável em <http://literaturaacoriana.com.sapo.pt/OSolNaNoiteEOLuarNosDiasENSAIOVieiraPimentel1997.pdf> de <http://www.ciberkiosk.pt/arquivo/ciberkiosk2/ensaio/Natalia.html>, (19/jan/2003)

⁸ Para uma visão de peças de teatro de Natália Correia, ver, por exemplo o artigo "Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d'O Encoberto" de Armando Nascimento Rosa in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10245.pdf>, (24/fev/2013).

Esta peça foi escrita sob o pesadume do regime fascista que a proibiu de subir à cena e mesmo de circular em livro. Não logrou porém a interdição impedir que, pelos canais da divulgação clandestina “O Encoberto” fosse ganhando foros de clássico da dramaturgia moderna. Estudantes estrangeiros dedicam-lhe teses e passagens do seu texto epigrafam estudos sebásticos. (...) Em “O Encoberto” a autora desvia-se do enfoque habitual do mito de D. Sebastião, desdenhando a circunscrição histórica que o aperta numa data. O reinado filipino é só uma camada da estrutura dramática que se dilui na intemporalidade do mito de que é apoio antitético. A composição enevoada do mito, configurada na manhã de nevoeiro que será rasgada pela visão reluzente do Salvador é a densidade psicológica de um povo em situação omissa. Nesta se funda a acção [sic] da peça, na qual todas as personificações gravitantes de D. Sebastião são fantasmas por alucinante arrastamento.

A sua peça *O Homúnculo* foi também proibida pela censura devido à sugestão inequívoca ao ditador António de Oliveira Salazar.

4.3. Antologias

Natália Correia escreveu ainda várias obras, das quais se destacam o livro de memórias *Descobri que Era Europeia - Impressões de Uma Viagem à América* (1951), ou o diário *Não Percas a Rosa - Diário e algo mais: 25 de Abril de 1974 - 20 de Dezembro de 1975* (1978). Natália também escreveu ensaios: *Poesia de Arte e Realismo Poético* (1958), *A Questão Académica de 1907* (1962), *Uma Estátua para Herodes* (1974), e *Somos Todos Hispanos* (1988). Organizou, além disso, antologias de poesia portuguesa, entre as quais *Antologia da Poesia Erótica e Satírica* (1966), *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (1970), *Trovas de D. Dinis* (1970), *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (1973), *A Mulher* (1973), *A Ilha de Sam Nunca* (1982) e *Antologia da Poesia do Período Barroco* (1982).

A primeira antologia de poesia que Natália Correia organizou foi a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, na Editora Afrodite, em 1966. Nela estão presentes, entre outros, Bocage, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, António Botto, Pedro Homem de Melo e Eugénio de Andrade. A edição foi apreendida e julgada em Tribunal Plenário e o julgamento foi por “abuso de liberdade de imprensa dos responsáveis pela publicação da Antologia”. O processo terminou em 21 de março de 1970 e foram condenados o editor Fernando Ribeiro de Mello e a escritora e organizadora da Antologia, Natália Correia, a noventa dias de prisão correcional, substituíveis por igual tempo de multa a cinquenta escudos por dia e mais quinze dias de multa à mesma taxa. A pena de Natália Correia foi suspensa pelo espaço de três anos e os livros apreendidos foram declarados perdidos a favor do estado para serem destruídos.

Segundo Isabel Cadete Novais⁹, na génese da referida antologia de Natália Correia estaria uma antologia poética intitulada *O Purgatório dos Poetas* concebida e começada por Manuel Cardoso Marta, amigo de longa data da família de Natália Correia e ao qual esta comprou a vasta biblioteca e também alguns papéis do espólio literário. Na sua hipótese, Isabel Cadete Novais ainda aventa que a Censura Prévia instalada pela Constituição de 1933 deve ter dissuadido Manuel Cardoso Marta de publicar O

⁹ <http://purl.pt/13858/1/geneses/2/1-poesia-nataliacorreia> (14/dez/2012).

Purgatório dos Poetas em 1935, tendo este empreendimento tomado a forma definitiva com Natália Correia mais tarde e tendo mesmo sido publicada a Antologia e sancionada logo de seguida.

Como se enunciou atrás, em 1970, Natália Correia editou duas antologias: *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* e *Trovas de D. Dinis* e em 1973, editou outras duas antologias: *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* e *A Mulher*.

A antologia *A Mulher* teve coordenação e prefácio de Natália Correia e foi publicada pela editora Estúdios Cor, contendo vinte e duas ilustrações de Martins Correia. Na sua introdução, pode ler-se o seguinte trecho que expressa uma das linhas orientadoras que presidiu a esta antologia:

O homem sonha. Do fundo de uma perspectiva [sic] rasgada numa matéria opalescente uma mulher caminha para ele. É a sua alma. Psique! A mulher traz um espelho na mão. O homem vê-se no espelho. O seu rosto está banhado de uma luz semeada de pequenas asas vibráteis de platina. É a revelação inaudita do anjo que ele era e não sabia. O homem vê-se no espelho. O seu rosto está coberto de minúsculos animais viscosos que incessantemente saem do antro tenebroso do seu coração. É a revelação monstruosa do demónio que ele era e não sabia.

Eis a glória e a ignomínia da mulher... Glória, porque é da sua natureza anímica, apaixonante, pôr o homem em tensão para o sublime ou para o ignóbil que nele se libertam pela via da paixão. Ignomínia, porque esta propriedade entusiasmante de mulher implica ser ela indispensavelmente *objecto* [sic] da subjectividade [sic] do homem."¹⁰

Continuando com as Antologias que organizou, há a focar *A Ilha de Sam Nunca* e a *Antologia da Poesia do Período Barroco* que foram publicadas em 1982.¹¹

5. Conceitos-chave

O conceito de "Mátria" envolve uma tendência especial de feminismo em que se vê a Mulher como o arquétipo da liberdade erótica e passional. Mais tarde, esse conceito alargou-se para a noção de "Frátria". Natália Correia admite o ser feminino como portador de sensualidade própria, recusa os preconceitos patriarcais, advogando o direito à afirmação da sua sexualidade.

Afirmou a própria Natália Correia, em entrevista ao Jornal Expresso, em 8 de maio de 1982:

Não me interessa o feminismo como caricatura das qualidades femininas. Então que os homens assumam a responsabilidade até ao fim. Eu defendo um regime feminista de cultura. Há que criar zonas de desvirilização que implantem os valores femininos no sentido de fazer

¹⁰ <http://pequenabiblioteca.wordpress.com/2011/03/12/03-natalia-correia-a-mulher-antologia-poetica-estudios-cor/> (14/dez/2012).

¹¹ In História Universal da Literatura Portuguesa, Texto Editora.

cair os padrões da cultura judaico-cristã. Uma posição matrística em vez de feminista.¹²

Esta é uma visão feminista especial, em que se vê a Mulher como matriz. A ânsia de liberdade por parte de Natália Correia notabilizou-se ao longo de toda a sua carreira política, literária e de cidadã. Esse radicalismo saudável não deixava de ter influência nas suas opiniões sobre o aborto. Na realidade, durante um debate na Assembleia da República sobre a legalização do aborto, afirmou o deputado do partido do CDS João Morgado que “o ato sexual é para ter filhos”. Natália Correia, da sua bancada, respondeu em poema:

O fim do coito

Já que o coito – diz Morgado
tem como fim cristalino,
preciso e imaculado
fazer menina ou menino;
de cada vez que o varão
sexual petisco manduca,
temos na procriação
prova de que houve truca-truca.
Sendo pai só de um rebento,
lógica é a conclusão
de que o viril instrumento
só usou – parca razão! –
uma vez. E se a função
faz o órgão – diz o ditado –
consumada essa exceção,
ficou capado o Morgado.¹³

A nota de humor e de crítica mordaz é notável, tanto mais que o poema foi proferido a partir do seu assento enquanto deputada à Assembleia da República.

6. Conclusão

Tendo vivido numa época de ditadura fascista, em que era fundamental a luta pela liberdade, Natália Correia lutou sempre pela liberdade de opinião e de expressão, participando no MUD, e no apoio às candidaturas de Norton de Matos e do General Humberto Delgado, o “General Sem Medo”. Com o 25 de abril de 1974 e com a evolução política rápida, Natália Correia, a Cidadã, a Política e a Mulher das Letras empenhou-se na mudança da sociedade, na participação política e na dinâmica literária.

É de Clara Ferreira Alves a seguinte classificação de Natália Correia: “Numa frase: foi a poetisa [sic] na trincheira política. Em muitos dos seus poemas revelava a salutar ansiedade de abrir os seus versos aos temas do seu tempo. Recusou, ao longo da sua vida, as sucessivas arrumações da sua obra em géneros literários”¹⁴

¹² Cit in “A Censura à Escrita Feminina em Portugal, à Maneira de Ilustração: Judith Teixeira, Natália Correia e Maria Teresa Horta”, de Mónica Sant’Anna, p. 13 consultável em http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2009/07_artigo_monica_santaanna.pdf (consulta em 31/jan/2013)

¹³ www.triplov.com/poesia/natalia_correia

¹⁴ <http://tv0.rtp.pt/gdesport/?article=95&visual=3&topic=20> (31/jan/2013)

Referências

Literatura Secundária

Amaral, Fernando Pinto do (2002) *Antologia Poética*, Lisboa: Publicações D. Quixote

Andrade, Eugénio de (1997) *Eros de Passagem, Poesia Erótica Contemporânea*, Porto: Editora Campo das Letras

Diário de Lisboa, 5 de abril de 1982;

História Universal da Literatura Portuguesa, Texto Editora

Rosa, Armando Nascimento, "Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d'O Encoberto" consultável em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10245.pdf>, (24/fev/2013).

Sant'Anna, Mônica, "A Censura à Escrita Feminina em Portugal, à Maneira de Ilustração: Judith Teixeira, Natália Correia e Maria Teresa Horta", consultável em http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2009/07_artigo_monica_santaanna.pdf (consulta em 31/jan/2013)

Soares, Angélica, "Por uma recriação ecológica do erotismo: *flashes* da poesia brasileira e portuguesa contemporâneas de autoria feminina", p 91-2, consultável em <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/Por-uma-recria%C3%A7%C3%A3o1.pdf> (12/fev/2013).

Universidade do Porto (2003) *Natália Correia: 10 Anos Depois*, Porto: Universidade do Porto;

Vieira-Pimentel, Fernando (1997), "O Sol na Noite e o Luar nos Dias, de Natália Correia: Romance, a três vozes, de uma Ocidental" consultável em <http://literaturaacoriana.com.sapo.pt/OSolNaNoiteEOLuarNosDiasENSAIOVieiraPimentel1997.pdf> de <http://www.ciberkiosk.pt/arquivo/ciberkiosk2/ensaio/Natalia.html>, (19/jan/2003)

Webgrafia citada

www.triplov.com/poesia/natalia_correia (consulta em 20/out/2012)

<http://purl.pt/13858/1/geneses/2/1-poesia-nataliacorreia> (consulta em 20/out/2012)

<http://pequenabiblioteca.wordpress.com/2011/03/12/03-natalia-correia-a-mulher-antologia-poetica-estudios-cor/> (consulta em 14/dez/2012)

<http://nescritas.com/homenagemnataliac/biografia.html> (consulta em 14/dez/2012)

<http://purl.pt/13858/1/geneses/2/1-poesia-nataliacorreia> (consulta em 14/dez/2012)

<http://tv0.rtp.pt/gdesport/?article=95&visual=3&topic=20> (consulta em 31/jan/2013)

<http://www.rtp.pt/programa/tv/p15380> (consulta em 31/jan/2013)

http://telepoesis.net/alligator/wiki/index.php?title=Nat%C3%A1lia_Correia (consulta em 31/jan/2013)

<http://literaturaacoriana.com.sapo.pt/NataliaCorreia.htm> (diversas consultas em 2012 e 2013)